

AQUISIÇÃO DE PRÁTICAS DE LETRAMENTO: A LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES

AZEVEDO, Isabel Grillo de - Pesquisadora
ROSA, Drª. Cristina Maria - Orientadora
Universidade Federal de Pelotas
Departamento de Ensino
Faculdade de Educação

Resumo: O objetivo da pesquisa é averiguar quais as práticas de leitura desencadeadas a partir de um projeto de leitura literária em uma escola pública de Pelotas, RS. A pergunta que orienta a pesquisa é: Será que um intenso e qualificado mergulho no universo da literatura torna as crianças usuários mais constantes da biblioteca da Escola? A metodologia, de cunho qualitativo (MINAYO, 1994) teve como procedimento o registro das retiradas de livros nos anos de 2003 à 2006, período anterior e concomitante ao projeto. O referencial teórico que dá sustentação ao projeto parte de leituras das obras de Machado (2005), Abramovich (2003), Lajolo (2001), Coelho (2000), Theodoro da Silva (1991) e Zilberman (2005). Resultados parciais apontam que é possível modificar a relação das crianças com a leitura se, e somente se, conseguirmos transformar a atividade obrigatória – ler - em fonte de prazer

1. Introdução

A relação entre escola e literatura deve passar pelo desejo de formar um sujeito não preconceituoso, só possível através de leituras não convencionais do mundo. Mas, o que são leituras e práticas sociais não convencionais? Leituras e práticas implicam em uma visão de mundo não restrita ao universo cultural herdado (familiar e ou de sua aldeia local) e nem mesmo ao universo escolar (científico racional).

O objetivo principal de realizar leituras e práticas sociais não convencionais é a troca entre os diferentes, possíveis desde a mais tenra idade, em casa, e ampliada pela inevitável convivência com os mais diferentes matizes culturais, na escola.

A formação de um sujeito não preconceituoso – que observa o mundo não apenas de seu universo cultural, mas busca incluir a lógica do outro nas relações de pertencimento – possa emergir a partir de processos de letramento que, quando tem origem na literatura, contrastam com os eventos familiares e/ou espontâneos pelos quais todas as crianças passam. E, na escola, esses processos de letramento devem ser organizados com o intuito de alargar o sentido atribuído à leitura – de funcional e restrita à decodificação, deve dar lugar ao prazer, primeiro, e a capacidade de estar no mundo, logo depois.

Ao apresentar o mundo registrado a partir do olhar de diferentes autores, e olhares diferentes sobre o mesmo fenômeno, a escola pode vir a ser um local onde as relações sociais entre os diferentes se tornem menos tensas, mais ricas pela troca. Esse movimento oportuniza múltiplos entendimentos do mundo, criando e consolidando o sentido parcial e temporário das verdades e dê margem a uma nova atribuição de sentido ao escolar – de formal e restrito ao universo racional, a amplo e não convencional.

O jogo simbólico inaugurado pela ancestral contação de histórias é uma das ferramentas para a criação da fantasia, tão necessária a leituras não convencionais do mundo. Através do “faz-de-conta” as crianças expressam o que sentem, organizam seu pensamento, interagem com outras visões de mundo e ampliam seus princípios, reconhecendo a diversidade presente na escola como um benefício ao seu processo de letramento.

Ao ouvir histórias, nos identificamos com personagens de todos os matizes éticos e, não raro, nos encantamos com as bruxas, madrastas, lobos e monstros, exigindo de todos que os consideremos a partir de sua característica mais forte: o simbólico, o fantástico.

2. O Projeto de Extensão “Alfabeta”

Tendo como principal objetivo averiguar quais foram as contribuições da leitura literária na formação de crianças leitoras, oportunizada pelo contato com o projeto de extensão universitária “Alfabeta” durante o ano de 2005, se faz necessário apresentá-lo.

A seleção dos acadêmicos para participar do projeto sob a coordenação e um docente da Faculdade de Educação tende a selecionar acadêmicos que tenham disponibilidade de despir-se de seus papéis tradicionais – estudantes – e “viajar” no universo da literatura. Demanda, também que esses vistam “fantasias” e se transformem ora em bruxas, ora em fadas, para vivenciar a multiplicidade de papéis que a literatura possibilita.

O grupo de extensão Alfabeta existe há quatro anos, foi criado com o intuito de despertar, entre os acadêmicos de Pedagogia o gosto e a importância da leitura literária e, também, oportunizar às escolas um contato mágico, lúdico e intenso com “oficinas de leitura”.

A primeira responsabilidade do grupo é conhecer, via leitura, a obra de Monteiro Lobato, por ser este um autor clássico de fundamental importância à literatura brasileira. O estudo da obra do autor brasileiro é fundamental, pois nas oficinas de literatura os acadêmicos se caracterizam como os personagens consagrados de Monteiro e para tanto devem conhecê-los intimamente.

Uma das formas de preparação para as oficinas públicas são os ensaios: uma capacitação que consiste em realizar leituras para o próprio grupo. O intuito é desenvolver a capacidade de se expressar publicamente e, semanalmente, uma obra literária é escolhida e todos os integrantes devem realizar sua leitura para que na reunião seguinte todos possam realizá-la para o grupo. O desempenho das

leituras realizadas por cada acadêmico é avaliado por ele, pela coordenadora e pelos colegas de grupo que apontam o que deve ser melhorado, bem como os avanços que cada integrante obteve.

Fazendo parte da formação do grupo, o conhecimento e manuseio dos referenciais teóricos a respeito da literatura é momento imprescindível na formação de novos membros do grupo, seleção que se realiza anualmente.

Aos integrantes do grupo são recomendadas leituras de autores que tratam de como e por quê ler para as crianças desde cedo, entre eles, Ana Maria Machado (2005), Nelly Novaes Coelho (2000) e Fanny Abramovich (2003). Acreditamos, assim como as autoras, que é importante para a formação de qualquer criança, “ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o inicio da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 2002).

A leitura na infância é enfatizada principalmente para Machado (2005) pois é na infância que “as lembranças ficam nítidas e duráveis”. A autora atribui essa permanência à memória infantil “ainda tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito profunda. Talvez porque sejam carregadas de muita emoção” (Machado, 2005).

A escolha das obras a serem lidas nos encontros com as crianças nas escolas é parte importante do trabalho: para que uma obra seja trabalhada em oficina de leitura, ela é previamente analisada pelos integrantes do grupo. Para isso, alguns critérios são utilizados em sua escolha, entre eles, ter uma linguagem compatível com a infância; tratar de conflitos comuns ao cotidiano destas crianças; não ter uma moral explícita; permitir à criança reflexões sobre o tema tratado e, principalmente, não ser racista nem sexista. Os autores privilegiados pelo grupo para as oficinas são brasileiros contemporâneos e a faixa etária da criança é respeitada na escolha da obra.

A caracterização dos acadêmicos como personagens da literatura para realizar as oficinas tem como objetivo estabelecer uma conexão imediata com as crianças e seu universo imaginário. Como nosso interesse é formar ouvintes, apreciadores e depois leitores, precisamos ser ouvidos imediatamente pelas crianças que, em alguns casos, nunca ouviram uma história lida. Com a apresentação do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” na TV aberta, a boneca “Emília”, o “Visconde de Sabugosa”, a “Cuca” a “Dona Benta” e demais personagens são como velhos conhecidos que, recebidos pelas crianças, podem provocar nelas o desejo de escutar, de ler e de escrever.

A realização das leituras públicas necessita de um local apropriado, com espaço para que os ouvintes possam ficar organizados em um círculo e com isso exista uma interação do grupo com os leitores. Esse lugar pode ser a biblioteca, uma sala de aula com um tapete no chão ou qualquer outro local aconchegante e acolhedor.

A pré-leitura é realizada sempre imediatamente antes da leitura. Se constitui de apresentação da capa do livro a ser lido, de perguntas ao grupo com a intenção de conectá-los ao tema que será abordado. Tudo isso é realizado pelos

personagens que aproveitam para expor suas personalidades: é nesse momento que os comentários sérios do Visconde são conhecidos, conselhos de Dona Benta são ouvidos além de palavras jocosas da Emília e assustadoras da Cuca ganham seu espaço.

Da mesma forma, durante ou ao término da leitura manifestações das crianças são acolhidas. Elas fazem associações com situações que já viveram, como animais que possuem ou mesmo uma discordância com o destino dado pelo autor para os personagens das histórias.

O trabalho do grupo que acompanha o personagem leitor – qualquer um dos personagens está preparado para ler – é “cuidar” para que a dinâmica de grupo não se destrua com interferências, comentários muito longos, ou barulho. Cuidar significa convidar, o tempo todo, todas as crianças para ouvirem, prestarem atenção, e, nesse caso, vale tudo: assustar-se com feitiços, exagerar em medos, rir muito, abrir a boca de curiosidade e até apelar para algum caráter de personagem como a Dona Benta, por exemplo, que sempre tem a atribuição de chamá-los de netos, carinhosa e ao mesmo tempo responsável.

Outra das tarefas do grupo é estabelecer com as crianças uma correspondência, por escrito. Para tal, é solicitado a todos que escrevam para os personagens que ali estiveram, que falem de qualquer assunto ou que se refiram à história lida, que manifestem suas opiniões, enfim que se comuniquem. Com essa troca de correspondência o Projeto “Alfabeta” realiza mais um objetivo que é a produção de escritas espontâneas das crianças. Quando se sentem livres para escrever o que pretendem, o prazer pela escrita também se potencializa e os professores têm em mãos mais um produto da interação com a literatura que pode ser observado do ponto de vista pedagógico.

As cartas chegam à Universidade e são respondidas individualmente: é um trabalho muito cuidadoso, realizado pelos acadêmicos extensionistas, repleto de criatividade. Enquanto uma carta é respondida, pode-se falar como qualquer personagem, hoje ser bruxa e amanhã uma boneca de pano, por exemplo. Também são utilizados elementos que tornem este impresso mais real, para isso cola-se muito “pó de pirlimpimpim”, “barba-de-pau”, sementes de frutas, canela e açúcar, tule rosa e preto, enfim, sinais de que realmente, fadas, bruxas, tia Nastácia, Emília e demais esteve ali, respondendo a carta e deixando um pouquinho de si impresso.

As cartas originais fazem parte de um acervo, um “banco de textos” que foi organizado com o intuito de ser utilizado como fonte de pesquisa pelos acadêmicos e pós-graduandos. As respostas também ficam registradas, pois são scaneadas antes de serem remetidas às escolas. É interessante acrescentar alguns números a essas informações: durante o ano de 2005 mais de oitocentas cartas chegaram ao grupo e todas foram respondidas. Em 2006, mais de 1200 cartas foram respondidas e em 2007, até agora, aproximadamente 900 cartas já chegaram à Universidade. Um trabalho complexo, árduo e ao mesmo tempo, gratificante, pois demonstra os resultados parciais alcançados.

3. Metodologia de Pesquisa

A investigação está inserida no entroncamento das análises quanti e qualitativa. A análise quantitativa oferece referencias para considerar importante a quantidade de obras retiradas pelas crianças e a análise qualitativa reconhece e valoriza a relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Nesse método há a preocupação em compreender e evidenciar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositários de crenças, valores, atitudes e hábitos (MINAYO,1994).

A pesquisa foi desencadeada durante a realização do Projeto de Extensão “Alfabeta”, no ano de 2005, com crianças de uma das escolas visitadas.

Tendo como objeto primordial observar e evidenciar se a experiência das crianças como ouvintes contribuiu para torná-los leitores, estabelecemos, como principal procedimento de pesquisa averiguar os registros de retiradas de livros realizadas pelos alunos da primeira à quarta série do Ensino Fundamental nos anos de 2004, 2005 e 2006 (um antes, o ano de desenvolvimento do projeto e um depois).

O procedimento principal é a comparação de retiradas, o gênero retirado e as obras mais lidas. Pensamos assim estabelecer um padrão de comparação que sabemos parcial e temporário.

A intenção é responder a seguinte questão: Houve mudança nas práticas de leitura das crianças que passaram pela experiência de oficinas de leitura?

Além desse procedimento central organizamos a coleta de depoimentos dos professores que tiveram seus alunos envolvidos no Projeto e de funcionários da escola, prioritariamente da Funcionária da Biblioteca que acompanhou todo o processo, uma vez que a maior parte das oficinas foram realizadas ali.

4. Resultados Parciais

Considerando o procedimento principal que é a comparação de retiradas, a pesquisa sofreu, desde sua primeira intenção, um revés: a biblioteca não mais possuía os dados de retirada do ano de 2004, o anterior ao ingresso do grupo de leitura na Escola. Diante desse impasse, optamos por analisar as retiradas do ano anterior, 2003. Logo, assumimos como anos informativos 2003, 2005 e 2006. Os resultados das primeira série se encontram abaixo.

1^{as} Séries

Ano	Retiradas	Nº livros	Mais Lido	Retiradas
2003	1188	265	Clássicos da Literatura	211
2004	-	-	-	-
2005	1175	261	Clássicos da Literatura	234
2006	1643	412	Clássicos da Literatura	245

Os dados acima indicam que houve uma considerável mudança na quantidade de retiradas do ano de 2005 (1175 retiradas), ano de atividade intensa do grupo de leitura e o posterior (1643 retiradas). Embora as crianças que freqüentaram a primeira série em 2006 não tenham participado intensamente do

projeto de extensão na escola, suas professoras passaram a dar maior ênfase à leitura na sala de aula e na biblioteca, o que pode explicar esse aumento de retiradas.

Acreditamos que o incentivo iniciado pelo grupo e continuado pelas professoras e Escola como um todos levou as crianças a lerem mais e variar as obras, dado mais significativo que a coleta permitiu ver: de 261 tipos de livros as crianças passaram a ler 412, 152 títulos diferentes do ano anterior.

Os resultados das segundas séries indicam que em 2005, ano de presença do projeto na escola, as crianças leram mais e variadamente, mas indica que essa turma mantinha já um padrão de leitura que não foi muito alterado, conforme podemos ver abaixo.

2^{as} Séries

Ano	Retiradas	Nº livros	Mais Lido	Retiradas
2003	856	211	Gibi turma da Mônica/ Maurício de Souza	68
2004	-	-	-	-
2005	914	283	Coleção Dinossauro	46
2006	831	253	Clássicos da Literatura	37

Os resultados das terceiras séries indicam que em 2005, ano de presença do projeto na escola, as crianças leram mais e variaram mais também. Em 2006, no entanto, houve uma significativa mudança, quase o dobro de retiradas. O interessante nessas turmas de terceiras séries são o gênero mais lido: gibi. Abaixo, os dados:

3^{as} Séries

Ano	Retiradas	Nº livros	Mais Lido	Retiradas
2003	513	222	Gibi turma da Mônica	32
2004	-	-	-	-
2005	616	246	Gibi turma da Mônica	38
2006	1151	274	Clássicos da Literatura	37

Os resultados das quartas séries indicam que as crianças lêem pouco na quarta série.

Uma das informações que temos é que uma das professoras investiu na existência, em sala de aula, de um a pequena biblioteca e, por isso, a ida das crianças à biblioteca da escola é inferior. Mesmo assim, era esperado que lessem mais. Além disso, os gêneros de leitura e a variação são bastante inesperados, uma vez que na quarta-série poderiam ser leitores mais fluentes.

Outro dado que pode interessar é que as crianças das quartas séries que encontramos na escola quando o projeto de leitura “Alfabeta” esteve lá (em 2005) já tinha um hábito de leitura formado: pouca leitura e pouco variada. Assim, parece que o projeto de leitura teve um poder bastante restrito com essas turmas de crianças, conforme podemos observar abaixo, o que não significa que devemos desistir delas.

Pelo contrário, é necessário pensar em alternativas e oferecer às professoras, saídas para esse público.

4^{as} Séries

Ano	Retiradas	Nº livros	Mais Lido	Retiradas
2003	337	144	Coleção Dinossauros	32
2004	-	-	-	-
2005	416	186	Gibi turma da Mônica/ Maurício de Souza	62
2006	216	94	Gibi turma da Mônica/ Maurício de Souza	29

Outra das conclusões que esse acompanhamento de dados pode oferecer é que as crianças lêem menos a medida em que crescem na grade escolar, ou seja, quanto mais avançam nas séries, menos lêem, o que é bastante preocupante.

Outros dados interessantes dizem respeito ao entorno da pesquisa, entre eles, os depoimentos dos professores que indicam que as crianças têm solicitado, constantemente aos professores, que leiam para eles em sala de aula.

A partir da realização do Projeto de Extensão a escola, semanalmente, paralisa suas atividades e todos, da cozinheira à diretora, durante quinze minutos, se dedicam à prática da leitura.

Parte dos resultados alcançados com a realização do Projeto na Escola investigada é a atividade “Caixa da Leitura”, literalmente uma caixa repleta de livros, revistas, jornais e outros impressos que são disponibilizados aos alunos e suas famílias durante o final de semana. A escola acredita com isso propiciar às famílias um contato mais intenso com a leitura.

5. Conclusão:

Ainda que esta pesquisa esteja apenas começando, os resultados parciais apontam que é possível modificar a relação das pessoas com a leitura, se e somente se conseguirmos transformar o que para muitos é uma atividade obrigatória em uma fonte de prazer.

Acreditamos que a escola pode desencadear um processo de construção de um sujeito leitor e, nesse processo, o primeiro movimento é oportunizar leituras não convencionais do mundo através de uma atitude simples: ouvir histórias. Ouvir alguém ler oportuniza identificar-se com aventuras e idéias, levar em consideração as lógicas e as conclusões de outros, refletir a partir da argumentação dos personagens, se apropriar de saídas e de jogos que minimizem a dor e ampliem os valores. A tarefa primordial da escola não é fazer escolhas pelas crianças; é criar situações de identificação e de contraste com as lógicas já existentes.

O encantamento possível com o ouvir história produz um impacto tão grande que se torna inesquecível por anos e o desejo de causar isso a si mesmo e aos outros eternamente: o princípio do prazer, que pode ser desencadeado na escola,

através da escolha criteriosa de livros a serem lidos e do preparo para essa leitura em voz alta. Leituras não convencionais abrem caminho para a autonomia, a criatividade e a exploração de significados e sentidos além de atuar sobre a capacidade da criança de imaginar e representar e, assim, colocar-se no lugar do outro, um legítimo outro.

Ler é ter direito ao riso e às lágrimas, ter direito às emoções que foram impressas com o calor do fogo ancestral em nossos imaginários e em nossos corpos. Assim, o jogo que a literatura, desde suas mais remotas origens, atualiza em cada uma das crianças que aprendem a atribuir significados, passa ao largo das discussões teóricas e metodológicas, ao largo das disputas políticas ou literárias. È o jogo que dá ingresso a um dos traços do "mais humano em nós": a arte de sonhar e fazer sonhar.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis: Vozes, 2003.
- ANDERSEN, Hans Christian. **Contos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos**. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- LAJOLO, MARISA. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LOBATO, Monteiro. **O Sítio do Pica-Pau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1957.
- MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. São Paulo: Objetiva, 2005.
- PRIETO, H. e CAVALCANTI, Z (coord). **Alfabetizando**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. Editora Cortez. São Paulo, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De Olhos Abertos**: São Paulo: Ática, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e Por que Ler a Literatura Infantil Brasileira**, São Paulo: Ática, 2005.